

Eros e Thanatos: A pulsão de vida no conceito Freudiano e o *Homo Consumericus*

Luana Garcia de Oliveiraⁱ

RESUMO: Neste trabalho utilizei o termo ‘Eros’ para fazer uma análise sobre o conceito de vida e as retóricas que foram usadas ao longo da Modernidade e da Pós-Modernidade, para motivar o indivíduo a viver a em sociedade. Apropriei-me de alguns conceitos pós-estruturalistas, tomando por as análises foucaultianas, para discutir alguns conceitos propostos por Freud, Marcuse e Lipovetsky abordados em discursos que motivam o indivíduo a viver em sociedade. O artigo tem como objetivo discutir os *devires* que são impostos através de práticas discursivas, que de certa forma controlam o indivíduo, e o estimula a estar sempre em busca de suprir as necessidades enaltecidas por essas retóricas dos *devires* sociais de determinadas épocas.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; hiperconsumo; consumo emocional; libido.

62

Introdução

Eros é uma palavra que vem do latim, *Éros*, e seu significado expressa o amor, o desejo e atração sensual. Eros é o deus do amor na mitologia grega. O termo erótico é derivado de *eros*. Marcuse discute em seu livro “Eros e Civilização” (1966), sobre o termo Eros como pulsão de vida, que é aguçada pela libido do indivíduo, através do anseio pela civilização, e a convivência coletiva. Para Marcuse, segundo uma análise freudiana, Eros é a pulsão libidinal, que motiva o indivíduo a vida.

Na mitologia grega, Thanatos (*Thánatos*, uma palavra que vem do grego) era a personificação da morte. Freud (1921) utiliza da história de Thanatos, na mitologia grega, para explicar a pulsão de morte no indivíduo. A pulsão de morte, na qual Freud se refere, é a morte simbólica, a morte social; uma pulsão que leva o indivíduo à loucura, ao suicídio, ou seja, uma morte

simbólica ou material perante a sociedade. Para, Freud, Thanatos, a pulsão de morte, é retraída pelo indivíduo, para que se obtenha prazer ao viver em sociedade, porém quando o indivíduo não é bem sucedido socialmente (me refiro a todos os gêneros sociais; social, econômico, familiar, etc.), ele tende a ser tomado pela pulsão de morte.

Segundo Freud, o indivíduo possui a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida faz com que o indivíduo sinta vontade de satisfazer suas vontades, buscar o prazer e satisfação da libido, no entanto, para o indivíduo que vive em sociedade, sua libido se concretiza através do instinto organizado. O instinto organizado é a consciência social implantada no indivíduo para viver coletivamente. Essa retórica, que castra o desejo do indivíduo, (o instinto organizado) era proferida na Idade Média por um líder (Estado e Igreja), na Modernidade pelas instituições. Nessa pesquisa proponho discutir em quais instituições e através de quais retóricas encontramos essa castração.

Neste trabalho utilizei o termo ‘Eros’ para fazer uma análise sobre o conceito de vida e as retóricas que foram usadas ao longo da Modernidade e da Pós-Modernidade, para motivar o indivíduo a viver a em sociedade. Apropriei-me de alguns conceitos pós-estruturalistas, tomando por as análises foucaultianas, para discutir alguns conceitos propostos por Freud, Marcuse e Lipovetsky abordados em discursos que motivam o indivíduo a viver em sociedade. Apropriarei de suas análises para mostrar como essa pulsão libidinal trouxe um progresso tecnológico, social, entre outras grandes transformações culturais e sociais ao longo dos séculos.

A análise proposta neste artigo discute os devires que são impostos através de práticas discussivas, que de certa forma controlam o indivíduo, e o estimula a estar sempre em busca de suprir as necessidades enaltecidas por essas retóricas dos devires sociais de determinadas épocas que estão sendo citadas neste trabalho.

Durante a pesquisa bibliográfica o que mais me chamou a atenção foi a retórica do consumo, que estamos vivendo hoje, em pleno século XXI. Como acontece o processo de erogenização do desejo do indivíduo em consumir e se tornar um escravo deste desejo? Como há a internalização desses desejos? E como é que essas retóricas de consumo fazem com que, quanto mais se

deseja, mais se quer desejar? Qual a relação que essas retóricas tem com a pulsão de vida, e, como esses discursos são articulados como pulsão que motiva o indivíduo à vida?

1. As transformações do conceito de vida

Os conceitos de vida, dados pela sociedade Ocidental hoje, no século XXI, tais como: prezar pelo corpo, ter uma propriedade, estar inserido nas inscrições sociais, que para a sociedade é um modelo de vida estável, conforto e bem-estar, é uma retórica fruto da sociedade do desejo, nomeada pelo escritor e filósofo francês Gilles Lipovetsky (2007) de sociedade de hiperconsumo. No entanto, essa pulsão de vida inserida nessa retórica, nem sempre foi assim. Ao longo dos séculos, a concepção de vida e morte era bem diferente. Ser sujeito era pesar o resto da vida como algo já programado por determinadas culturas e etnias.

Para os gregos, a concepção de vida era fazer viver a vida política da polis democrática, estar inserido na filosofia e na política. Os gregos separavam o conceito de vida e de corpo. Para eles, a concepção de vida, era a vida racional, a vida qualificada, era estar inserida na filosofia e na política. Essa condição era a *Bios*, a vida racional, condição do indivíduo, falar e fazer, pensar. O *Soma*, eram os escravos e os cadáveres, ou seja, algo que já não existe mais era o “resto social”. Os escravos eram tidos como algo que não existe, pois, eles eram homens que durante guerras e lutas, tinham medo da morte, todavia, o mesmo deixava sua vida heróica morrer para prezar por sua vida animal, ou seja, o corpo. Esses escravos eram excluídos da sociedade, pois não faziam valer os códigos morais de indivíduo político.

Na sociedade Romana, a concepção de vida e corpo estava inserida num mesmo discurso, todavia ser alguém, ou seja, estar vivo era estar inscrito na sociedade, e isso, significava estar inscrito na legislação Romana.

Para os Romanos, o resto, era o lixo humano, eram os *Homo Sacer* (Homem Sagrado), era toda a ralé, não possuíam cidadania romana, e só existiam por uma necessidade cultural, que era reafirmar a absoluta soberania do Governante. O soberano, o senhor, que possuía o poder de decidir a vida e

a morte, decidia o futuro do *Homo Sacer*. Para os Romanos, a vida era uma lei qualificada, ou seja, estar vivo e ser um indivíduo eram estar inserido nos códigos sociais, segundo a legislação romana.

Na Grécia, o “resto” era a camada social que não se encaixava na política e na filosofia (os animais irracionais e o *Soma*), e, para os Romanos, o resto, eram aqueles que não se encaixavam na jurisdição romana. Cada cultura define seu resto de vida, a cultura, a sociedade e suas leis decidem o destino da *Vita* e do *Corpus*. Percebe-se que na Grécia, o indivíduo inserido em uma sociedade tinha por pulsão de vida manter viva a Liberdade, a *Pólis* democrática, e para os Romanos, sua pulsão de vida era estar inscritos no código jurídico e político Romano, e respeitar o soberano. O indivíduo que não estava inserido nesse discurso, era também considerado cidadão, porém, seu papel era mínimo, sendo assim, intitulado como “resto social”.

Mais adiante, no século XVIII, o corpo é descoberto como fonte de poder, o corpo maquina como designa o filósofo Michel Foucault (1988). O indivíduo passa a ser visto como um corpo, e sua vida, algo de fácil manipulação, um corpo vivo dócil e frágil, algo possível e fácil de adestrar, enfim, suscetível à dominação. O indivíduo passa a atuar de forma direta na sociedade, através das instituições.

Na sociedade Ocidental dos séculos XVII e XVIII, ocorre um meio diferente de todo o tipo de massificação anteriormente aplicado, foge largamente dos princípios de escravização e de domesticidade das épocas clássicas, é uma utilização do corpo para determinados fins. Há uma necessidade de docilizar para poder controlar, essa sociedade é chamada por Foucault de “Sociedade disciplinar”, onde ela e o poder têm como pulsão de vida manter o funcionamento das instituições (Família, Hospital, Escola, Presídio, Manicômio, Fábrica), a disciplina dentro desses locais e também fora deles.

A sociedade disciplinar fabrica corpos dóceis, submissos, altamente especializados e capazes de desempenhar inúmeras funções, a fim de beneficiar o poder, mas que carrega com grande peso o discurso de bem comum. No entanto, a disciplina, tinha como objetivo aumentar a força em

termos econômicos e diminuir a resistência que a massa pode oferecer ao poder. De acordo com Foucault;

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". (Foucault, 1977, p. 119)

Uma forma bastante coerente de se docilizar, era impor limitações, proibições e obrigações; não se trata de cuidar do corpo, mas sim de mantê-lo ocupado. As técnicas usadas para disciplinar os corpos, exigem investimento político e detalhado do corpo, e não menos envolveria também a religião, com um papel importante, para a docilização dos corpos, pois o poder exigiria perfeição, já que “aos olhos de Deus nenhuma imensidão é mais que um detalhe” (Foucault, 1977).

A sociedade disciplinar teve uma característica impar, que foi adestrar o indivíduo, e mantê-lo dentro das instituições, ou seja, em lugares fechados, pois são ambientes que estariam protegidos pela monotonia disciplinar. Eram praticamente cidades, dentro das cidades. Importava, no entanto, colocar os indivíduos em um espaço determinado onde se podia localizá-los, e isolá-los, assim podendo também classificá-los mediante sua eficiência (habilidade e rapidez).

A disciplina individualizou todos os corpos através de devidas localizações, mas mesmo assim, os fez circular em uma rede de relações. A organização do espaço tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos, fez as instituições funcionarem como máquina de controlar, ensinar, hierarquizar, recompensar (FOUCAULT, 1977).

Havia, portanto, um modelo restrito, que no caso, era a censura, ocupando, e exercendo a repetitividade no controle dos corpos e, dentro destes modelos, não faltou uma postura religiosa. A disciplina estrategiza cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto manipulado. Através da religião, se obtinha o discurso para que houvesse a perfeição ‘é proibido perder

um tempo que é contado por Deus e pago pelos homens’, isto, identifica que deve ser rápido, não perder tempo, ser ágil, ou seja, o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência.

Além do tempo contado economicamente, havia também um tempo evolutivo, na qual eram impostos exercícios sempre repetitivos. No livro “Admirável Mundo Novo” (1932), o autor literário Alemão, Aldous Huxley, relata exatamente o controle executado na sociedade, que mais tarde foi descrita por Foucault como sociedade disciplinar. Na ficção de Huxley, a sociedade é dividida por castas (Alfa, Beta, Gama, Delta e Îpsilon), e os Îpsilons, são as castas inferiores, operários de fábrica. A ficção trabalha na questão discursiva, com relação a cada indivíduo ser o que é e não querer ser mais do que isso, ou seja, ser de castas inferiores e jamais se rebelar contra as castas superiores, pois se não houver as castas inferiores não haverá as superiores. Entretanto, o governante da trama, diz que os Îpsilons são bastante importantes para a sociedade.

Esta sociedade Moderna de Huxley se assemelha muito com a sociedade citada no início deste capítulo sobre o “resto” Romano, que tinha somente por função reafirmar o poder do Governante. Desta forma, acontece na sociedade disciplinar foucaultiana, com algumas modificações, pois não há mais um soberano, mas sim, a retórica de disciplina nas instituições, o controle pelo Estado e suas mãos.

2. Poder e Disciplina sobre o corpo: Foucault e Marcuse

Ao falar de poder e disciplina sobre o corpo, não poderia deixar de abordar a questão do poder de vida e morte desses corpos dóceis. Esse direito de vida e morte na sociedade de Soberania, era colocado na mão do pai que exercia o poder de deixar morrer ou viver, tanto os seus filhos, quanto os seus escravos. O soberano podia ter direito sobre estas vidas, se apoderando delas para suprimi-las durante a sociedade disciplinar. O direito de morte é barrado pelo poder que gere a vida e se sustenta em função de seus reclames.

O poder passa a investir sobre o corpo vivo e a valorizar sua importância na máquina política e econômica. O desenvolvimento de conhecimentos a

respeito da vida, em geral, visa à vida e a sobrevivência dos homens. Esse foi um dos fatores que ajudou no controle da mortalidade. O que passa a ser reivindicado não é mais o direito de viver, e sim a vontade de continuar vivo. Assim, o Estado passa a centrar-se na preocupação com a vida e sua longevidade, sendo tratada como uma bio-política (como descreve Foucault, em *História da sexualidade I*¹) da população, onde, a função desse poder, além do adestramento e do controle, é investir não só na vida, mas sobre a vida e sua utilidade.

Ao falar em pulsão de vida, através da manutenção das instituições e a adestração do indivíduo, que Foucault chamou de ‘sociedade disciplinar’, não poderia deixar de falar do filósofo Alemão, da escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, que em seu livro ‘Eros e civilização’ (1966), classifica essa época da Sociedade disciplinar de Foucault como ‘O nascimento do indivíduo Reprimido’ e da ‘sociedade repressiva’, baseando suas pesquisas nas teorias Freudianas, seguindo uma linha de pensamento marxista. Ele caracteriza a sociedade reprimida como sendo uma sociedade que perdeu seus desejos, suas vontades, sua capacidade de indagar, e o indivíduo reprimido como coadjuvante desse modelo de sociedade, segundo Freud, *a história do homem (como indivíduo) é a história da sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social quanto biológica (...)*, (Marcuse, p. 33, 1966)

Essa sociedade repressiva coincide com a sociedade adestrada de Foucault, uma sociedade que imobiliza o indivíduo, impossibilitando-o de cometer qualquer ato que não esteja previsto pelas leis das instituições. Quando Marcuse fala de indivíduo reprimido, ele se refere ao indivíduo, que para Foucault seria o indivíduo docilizado pelos códigos sociais, ocupado pelas instituições, que, de certa forma, atrofia sua capacidade de indagar, e canaliza todas as suas possibilidades de prazer, em prol do poder, tendo sua pulsão de vida domesticada para ser massificado.

Foucault quando fala de sexualidade, se refere a todos os discursos e saberes que envolvem este termo; todas as formas de prazer inoculados e/ou excluídos do meio social. No entanto, o poder na sociedade onde o capital controla o poder político, é criado como mecanismos de prazer os padrões de

¹ Foucault, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. (1988)

beleza, que na sociedade Moderna já se mostra dominada por esses padrões (roupas, perfumes, tudo é inspirado pelos mecanismos de prazer).

Para Marcuse, segundo uma análise Freudiana, essa pulsão de vida é pensada como libido, *o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido* (Marcuse, p.35 – 1966).

De acordo com o autor, o prazer destrutivo para a sociedade, que necessita ser reprimido e controlado, é agir por instinto. O homem animal converte-se em ser humano, é inscrito como indivíduo na sociedade, através de discursos, mas somente através de uma transformação de sua natureza (como já vimos no começo desse capítulo com a sociedade antiga de Roma e Grécia), o homem passa a adquirir valores instintivos, que o faz prezar pelo prazer adiado, que é garantido, é a recompensa social. O homem converte seu Ego instintivo em Ego organizado. No entanto a sociedade repressiva, segundo Marcuse, vai criando padrões, além do controle “maquínico”, ela vai criando um controle de libido, de sexualidade, de prazer.

Foucault descreve a sociedade disciplinar como manipuladora do corpo, Marcuse coloca a sociedade como repressora da libido (Eros), ou seja, a sociedade canaliza a energia do sexo para o trabalho, e o desejo e a libido para o consumo.

Sob o princípio da realidade, o ser humano desenvolve a função a razão; aprende a “examinar” a realidade a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial. (...) Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora. (...). O âmbito dos desejos humanos e a instrumentalidade para sua gratificação fora, assim, incomensuravelmente aumentada, e sua capacidade de alterar a realidade, conscientemente, de acordo com o que é útil parece prometer uma remoção gradual de barreiras estranhas à sua gratificação. Contudo tanto os desejos com sua alteração a realidade deixam de pertencer, daí em diante, ao próprio sujeito, passam a ser organizados pela sua sociedade. (Marcuse, p.36, 1966)

Segundo a teoria de Marcuse (1966), sob condições não expressivas, a sociedade tende a tornar-se Eros (libido), ou seja, a auto-sublimação em relações duradouras e expansivas, principalmente em relação á situações que

envolvem indivíduo, poder e civilização. Eros luta para buscar uma ordem permanente.

Marcuse refere-se a liberdade como um domínio de realidade, a realidade algo dominável, um domínio autopropulsor de um trabalho perpétuo, uma tendência imposta pelo sistema capitalista e seus paradigmas. Quando ele fala de liberdade do domínio da realidade, podemos ter várias interpretações, porém, segundo a necessidade da sociedade de estar no paradigma impostos pelo capital, essa liberdade que Marcuse se refere, está relacionada ao processo tecnológico, a conquista da natureza, a racionalização do homem, ou seja, fazendo um elo com as necessidades de trabalhar mecanicamente; *A ausência dessa organização reprime e transubstancia, as suas necessidades instintivas originais. Se a ausência de repressão é o arquétipo de liberdade, então a civilização é a luta contra essa liberdade. (Marcuse. 1966, p.36).*

Foucault, quando fala de liberdade, se refere ao domínio de si, o indivíduo ser o soberano de si, e não ser escravo do próprio desejo. Para o autor,

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade, no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade (Foucault, p.74, 1984).

70

Entretanto a intenção não é trazer a discussão entre os dois autores, e sim, mostrar a análise teórica de ambos para podermos entender como funcionou, ao longo da Modernidade, a adiestração do indivíduo em sociedade, e mostrar diferentes visões sobre esse período histórico que trouxe grandes transformações e que carregamos heranças nos dias atuais.

A retórica de repressão para melhor controle e adiestração do indivíduo, se torna uma pulsão de vida, algo que se for obtido será um pleno prazer ao indivíduo virtuoso, soberano de si. Nessa questão, ao que se referem à sociedade moderna, os autores não falam a mesma coisa, mas creio que ambas as teorias se aproximam, pois o indivíduo necessitava ter um domínio de si para não cair no desejo carnal alheio da instituição (casamento), e

guardar suas energias para o trabalho, ajudar no desenvolvimento da sociedade, na manutenção das instituições e do poder.

Apesar de Marcuse fazer uma análise freudiana, seguindo uma perspectiva marxista em seu trabalho e, suas teorias chocarem em muitos pontos com as teorias foucaultianas, que segue uma linha pós-estruturalista, coincide quando a relação é do corpo e vida na sociedade moderna. Seguindo a linha de raciocínio afirmando o aprisionamento do indivíduo pelas retóricas de adestramento, o indivíduo não é livre, ele está livre por viver da sua labuta, mas preso aos paradigmas sociais, que é a 'fábrica' (a sociedade e suas engrenagens).

A alienação progressiva aumenta, por assim dizer, o potencial de liberdade, pois quanto mais externa se torna o indivíduo ao trabalho, tanto menos este se envolve no domínio da necessidade, ou seja, o domínio da liberdade se tona um domínio lúdico, que gerarão novas formas de realização e descobrimento do mundo, que remodelará o domínio da necessidade, ou melhor, a luta pela existência social. *Todo prazer é social – tanto nos impulsos sublimados, como não-sublimados. O prazer tem sua origem na alienação* (Horkheimer e Adorno, p. 127, 1947).

Concluindo essa linha de raciocínio, para existir, o indivíduo precisava estar inscrito nesse modelo social, pois a pulsão de vida estava inscrita nesse discurso, e Marcuse descreve o seu indivíduo reprimido, que se policia, e se aliena para estar inserido na sociedade. Entretanto o mesmo acontece no modelo de sociedade no qual que descreve Foucault, disciplinado e dócil, ou seja, uma sociedade repressiva.

O conceito de vida, na sociedade de controle, passa a ser a utilidade dos corpos para o Estado, ou seja, exercer suas funções, com ideologia e pensamento em prol do bem comum (sociedade), manter viva as instituições. O resto social seria aquele indivíduo que não estivesse apto a exercer essas funções, neste caso, me refiro aos doentes, que estariam isolados em hospitais e manicômios, presídio, e cemitério. Na sociedade grega e romana eles também eram excluídos, isentos do modelo social.

Na sociedade disciplinar, havia instituições para todos os gêneros de corpos. Essa alienação progressiva e tecnológica aumentou esse potencial de

liberdade, da qual fala Marcuse, para a existência das instituições, e a canalização de prazer do indivíduo para a labuta, o consumo e sua manutenção social. No entanto na sociedade disciplinar de Foucault, que remete o indivíduo a canalização do prazer para a virtuosidade, reter o prazer do corpo, para gozá-lo na mente, satisfazendo-se com o controle de si.

No próximo capítulo deste trabalho, farei uma análise da pulsão de vida, e frisando a canalização da sexualidade, ou Eros (libido) para o consumo, que tende a crescer ao longo da década de 60 até os dias de hoje, se tornando, como descreve o Filósofo francês Gilles Lipovetsky, uma sociedade de Hiperconsumo. Marcuse explica crescimento do consumo definindo-a como a transformação da sexualidade em Eros;

Com a transformação a Sexualidade em Eros, o instinto de vida desenvolve sua ordem sensual, ao passo que a razão se torna sensual, na medida em que abrange e organiza a necessidade em termos de proteção e enriquecimento do instinto de vida” (Marcuse , p. 194, 1966).

Marcuse se refere à preocupação com o instinto de vida social, que não é mais apenas ser um bom cidadão e um trabalhador eficiente, mas sim ter destaque social através das medidas de consumo, a vaidade. *As raízes da experiência estética se reemergem – não apenas em uma cultura artística, mas na própria luta pela existência. Ela assume uma nova racionalidade (Marcuse, p. 194 -1966)*

Ou seja, a libido ultrapassa as fronteiras do desejo sexual e da gratificação social por um bom trabalho, ela agora, internalizada para as questões estéticas de todos os gêneros do consumismo, no imediatismo, transformando a pulsão de vida do indivíduo.

2. O consumo emocional

Após a Segunda Guerra Mundial, houveram conflitos ideológicos e político-econômicos, entre a União Soviética, que queria instaurar o Socialismo, e os Estados Unidos, que propôs a Política do Capitalismo. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra Fria. Durante esse período houve processos de transformações estrondosas na sociedade ocidental. O investimento na

imagem, na propaganda para fins políticos e econômicos transformaram a sociedade, e seus valores. Esse investimento no crescimento econômico, feito pela política de ideal capitalista, foi um fator que ajudou instaurar uma cultura consumista na sociedade ocidental, que antes do início do século XIX tinha por pulsão de vida a manutenção das instituições, e o consumo exacerbado estava fora de seu cotidiano.

Ao longo desse período de transformações discursivas, as instituições passam por diversas reformas que, segundo Deleuze (1990), é um período em que há uma transição da sociedade disciplinar, para a sociedade de controle. Segundo Deleuze, as instituições passam por uma reforma, na questão do adestramento e da vigilância;

Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação de novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo a sociedade disciplinar (Deleuze, (1990), p.220)

Na sociedade de controle, a retórica da pulsão de vida é substituída por um novo discurso, acompanhando o desenvolvimento e as tecnologias do século XX, e trazendo uma reforma nas instituições e no adestramento e controle do indivíduo.

A família, como todas as instituições entra em crise, o hospital passa a possuir uma frequência menor de doentes enclausurados, porém, a tecnologia da medicina consegue controlar o doente, mesmo não estando no hospital, ao passo que as receitas médicas substituem o enclausuramento, porém o doente continua sendo controlado. No entanto o Hospital continua retendo o espetáculo da morte (Thanatos), o indivíduo é retido no hospital em casos graves de doenças.

Já a fábrica, que recebia uma grande quantidade de mão de obra, em troca de pouco salário, dividiu a motivação do Homem Máquina com as “empresas”. As empresas surgem, não para substituir as fábricas, mas para intensificar a produção, e inserir o consumismo na sociedade. A sociedade que antes comprava por necessidade, passará a comprar por prazer, transformando o consumo em satisfação social.

As empresas possuem uma forma maquínica, e bem diferente das fábricas, de manipular o salário do indivíduo. Por exemplo, na fábrica, o operário trabalha determinadas horas e recebe um salário X, não trabalha nem mais nem menos, e o seu salário é sempre o mesmo. Já as empresas vão incentivar o indivíduo a querer trabalhar mais, pois se trabalha algumas horas além do estabelecido, recebe uma “bonificação” pelo seu esforço, ou seja, para o operário isso parece justo, pois estará ganhando um salário maior, no entanto, a empresa só repete o que a fábrica faz, ao passo que dá a opção para o indivíduo de querer ou não trabalhar mais (para ganhar mais).

Sem dúvidas a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, no entanto a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade (...) (Deleuze, 1990, p.221)

Além das instituições citadas a cima, a escola também passa por uma transformação, haja vista que, o indivíduo saía da família para a escola, da escola para a caserna, ou direto para a fábrica, no entanto, na sociedade de controle, a escola passa a formar o indivíduo com o intuito de que, ao completar sua educação, saia de lá e seja entregue a empresa.

74

(...) assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola á empresa (Deleuze, 1990, 221)

As outras instituições não ficaram de fora dessa reforma, na qual a o modelo da sociedade de controle, descrita por Deleuze, submeteu as sociedades ocidentais. Porém, me limito a continuar focando na pulsão de vida, Eros.

Os sistemas de controle tentavam manter o indivíduo ocupado trazendo mudanças nas práticas discursivas para controlar a libido individual, e obter um controle coletivo.

O indivíduo que, segundo Marcuse, possui um Ego instintivo, e durante o nascimento da sociedade repressiva, passa a ter o ego organizado, controlando a libido, e reprimindo seus desejos, passa a esperar pelo prazer à

longo prazo, o gozo da virtude social, que é demorado, mas é certo. Essa libido é agora canalizada não mais somente para o trabalho, convívio e estética social, ela passa a ser canalizada para o consumo, e essa pulsão de consumo, intensifica o desejo, o trabalho, o convívio e a estética social, através da retórica de felicidade plena e conforto, o “bem-estar”.

O capitalismo trouxe uma espécie de ‘Felicidade paradoxal’, como afirma Lipovetisky (2007). O consumo traz para a sociedade um paradoxo de felicidade, e o privilégio de maquiar a posologia social imposta desde a sociedade disciplinar.

No livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1946), existe uma passagem em que os animais do celeiro estavam se rebelando contra o líder da revolução, o porco Napoleão. Quando ocorre uma discussão entre eles, os bichos do celeiro começam a se rebelar contra as atitudes dos porcos, todavia, para cessar a manifestação dos bichos, os porcos colocam uma TV na frente deles, que jamais haviam visto tecnologia em sua frente. Os bichos param e ficam perplexos com tal maravilha moderna e esquecem-se da revolução, tentando entender como o funcionava a TV, a imagem, a voz. Ficam maravilhados, ao passo que esquecem o que os porcos haviam feito a eles.

O mesmo aconteceu com a sociedade Ocidental após a segunda guerra mundial. Em meio a tantas revoluções ideológicas, guerras, e revoltas, o capitalismo vem e traz coisas fascinantes e acessíveis para o mundo, e a sociedade assiste ao espetáculo da tecnologia, sem questionar como acontece.

Durante a década de 1940, como escreve o historiador Gerson Moura (1980), em seu livro “O tio Sam chega ao Brasil” houve uma americanização de vários países no mundo. No Brasil, o “American Way of Life” trouxe a tecnologia para dentro das casas dos operários, e outros gêneros de trabalhadores. As donas de casa, de classe média, que antes cuidavam da casa e dos filhos sem auxílios de produtos tecnológicos, passam a ter uma ajuda tecnológica em seus afazeres domésticos. A dona de casa colocava sua roupa para lavar na máquina elétrica, enquanto limpava o chão com a enceradeira, escutando rádio, ou assistindo televisão. A dona de casa sentia prazer em ter em um aparelho tecnológico que a auxiliava em seus afazeres domésticos.

Durante a primeira metade do século XX, a economia começa a investir no consumo, e uma nova cultura consumista nasce para o mundo, difundindo produtos padronizados, e cede espaço para a economia da variedade, da inovação, da qualidade e da competitividade entre as empresas. O investimento no consumo durante a primeira metade do século XX não só padronizou os produtos, como também os indivíduos, e a mão de obra. A economia passa a ser uma economia investida na venda e no lucro.

Essa aproximação da tecnologia, com o indivíduo e a família, instaurou um paradoxo de felicidade familiar. O consumismo maquia o dia de labuta do indivíduo, pois, ao chegar em casa, assistirá televisão, e comerá um assado feito em um forno elétrico, com uma *Coca-cola* que esta dentro de sua geladeira.

Ao longo do século XX, cresceu muito o consumo, a libido do indivíduo passa a ser voltada para o consumo, a pulsão de vida passa a ser a busca e o anseio pelo conforto. E o preço disso? O trabalho. A energia do corpo biológico passa a ser canalizada para o trabalho, Eros agora, está para o consumo e o lazer. O indivíduo não necessita esperar pelo prazer em longo prazo, como ocorria durante a Modernidade, ele pode ir ao mercado, numa loja, ou em uma agência de viagens e comprá-lo. (...) *a febre do conforto substitui as paixões nacionalistas e os lazeres, a revolução.* (Lipovetisky, p.11, 2007)

O Sistema Fordista dá acessibilidade a todas as classes à tecnologia, fazendo com que a busca pelo prazer seja uma ação cotidiana, o trabalho passa a estar para o consumo, e não mais somente pela instituição e a labuta que ela propõe, mas pela sua recompensa.

2.2.4. Prazer e Hiperconsumo

Na segunda metade do século XX, o indivíduo passa a ter como pulsão de vida o consumo, maquiado pelo desejo do melhoramento das condições de vida, a necessidade do conforto, ou seja, 'o bem estar'. No entanto, na segunda metade do século XX, aproximadamente durante a década de 1970, a revolução consumista é revolucionada, e se torna o que Lipovetisky chama de Hiperconsumismo. *Uma nova modernidade nasceu: ela coincide com a "civilização do desejo (...)"* (Lipovetsky, p.11, 2007)

O indivíduo da segunda metade do século XX se desprende de muitas amarras culturais, agora o indivíduo é alguém dentro de uma sociedade de controle, que pode se sentir “livre”, mais liberto, e que tem como pulsão de vida, manter vivas as instituições (com exceção do casamento), obter conforto, lazer, ou seja, seu bem-estar. A canalização do prazer agora está no consumo e no corpo. O indivíduo deixa de querer apenas seu bem-estar material e social, ele agora passa também a buscar um bem-estar psíquico, recorrendo ao que Lipovetisky chamou de ‘farmácias da felicidade’. Drogas lícitas e ilícitas, recursos espirituais, terapias, novas religiões, e o capitalismo não deixarão de fazer “dessas farmácias da felicidade” algo comprável.

Durante a sociedade disciplinar, os sistemas tomaram frente de “coisificar” o indivíduo, a sociedade de controle de rotular, no entanto, na segunda metade do século XX, a sociedade torna-se uma sociedade do desejo, onde o Hiperconsumo fomenta coisificação das idéias, da religião, dos pensamentos, e fazer deles algo que tenha uma marca, e que seja desejado. A busca do prazer passa a ser a carta mestre do consumo, e da sustentação social. *As festas, os jogos, os lazeres, as incitações de prazer, passam a fazer parte da vida cotidiana* (Lipovetisky, p.16, 2007)

Segundo Lipovetisky, nunca se falou tanto em felicidade quanto na sociedade de Hiperconsumo, no entanto, após a década de 60 até os dias de hoje, nunca houve tantos distúrbios mentais. Há sempre uma busca de prazer incessante, pela qual o homem trabalha para conseguir dinheiro, andar conforme as leis político-sociais, e tender a estabelecer relações sociais, e buscar o lazer para arrebatar a turbulência do dia. Esse ciclo traz uma desorganização psicológica, fazendo com que o indivíduo dentro de uma sociedade bipolar, também tenha uma vida bipolar; uma vida acompanhada de altos e baixos, cheia pessimismo de dia, e otimismo à noite.

Essa sociedade de Hiperconsumismo traz diversas mudanças nos comportamentos sociais, estimuladas por novas formas de mercado de venda e compra, trazendo uma nova ótica no imaginário de consumo. Ao longo dos tempos o indivíduo é motivado pelos discursos de pulsão de vida, os discursos imbuídos na sociedade transformam o sujeito e molda o seu comportamento de acordo com a sua época. Segundo Bauman (2003) novos tempos geram novos sujeitos, que só pode ser compreendido pela ótica do seu próprio tempo.

Essa ótica de bem estar social, ou individual, que é colocada através do discurso do consumo, traz patologias sociais, embora a corrida seja individual, fazendo com que o indivíduo se sinta *uno*, no entanto não deixa de ser massificado por possuir um mesmo ideal, e a patologia massificada ocorre devido o anseio por mais.

O consumismo exacerbado faz com que o novo sempre fique velho e obsoleto amanhã. No entanto, decorrente a essas transformações, o indivíduo toma para si determinados discursos, para a formação de sua identidade, e dependendo da ótica de seu tempo o indivíduo se adapta a determinado comportamento, para se encaixar no antro social, são os discursos inseridos no devir social, um devir edípico, segundo Deleuze (1995).

O Consumo emocional é a pulsão de vida através da compra, o prazer no consumo, de forma que transforme o comportamento do sujeito, tornando-o mais individualizado, transformando seu meio cultural em pura satisfação do Eu.

Se na primeira metade do século XX a indústria padronizava os produtos, padronizando assim o indivíduo que o consumia, agora na segunda metade do século XX, as empresas vão investir na personalização dos produtos e dos preços, na individualização do consumidor.

No fim da primeira metade do século XX, apesar de haver a padronização do consumo, da produção e do indivíduo, a massa já tinha bastante acesso a uma grande demanda material mais psicologizada e mais individualizada, com bens duráveis; moda marca etc. No início do século XX, essa pulsão de consumo era acessível somente para as elites, e graças às concorrências, e os preços baixos, passou a ser acessível ao consumo de massa. Já na segunda metade do século XX, o consumo torna-se critério de excelência para o progresso das empresas da indústria e da sociedade. A pulsão de vida passa ser impulsionada pelo desejo de consumo, de bem estar, conforto.

Entretanto, há um desejo que impulsiona o indivíduo a estar inscrito nesses códigos de consumo, que o faz se sentir sujeito, e que o faz se sentir “bem”. O fato de estar em um emprego, ter eletrodomésticos e tecnologia dentro de casa, e durante suas férias poderem viajar, faz com que o indivíduo se sinta estimulado a estar inscritos nesses códigos, e fazer parte desse desejo

de massa. Ou seja, há algo mais na sociedade que é estimulada através de um impulso libidinal, tal como descreve Marcuse, além da rápida elevação do nível de vida, e a obtenção do bem-estar; a ambiência de estimulação dos desejos, a influência do outro, a imagem luxuriante das férias, a sexualização dos signos dos corpos, a promessa de futuro pelo presente. Isso só é desejado, pois nesse contexto de desejo pelo consumo, só se concretiza a partir do olhar do outro. A individualização, o desejo de bem estar do indivíduo, só ocorre a partir do outro.

Segundo Freud, o indivíduo só passa a ser alguém a partir do outro, no entanto a individualização do consumo, só é consolidada quando um indivíduo olha para o outro. A pulsão de vida se instaura no consumo individualizado a partir do olhar do outro. Assim o indivíduo se empenha socialmente em estar bem, com conforto e “aparentemente” com saúde psíquica.

Os mercados de consumo fazem promessas que passam a ser um alvo para o indivíduo buscando sempre ter seu “conforto e bem estar” seguros. Freud fala em seu livro “O Futuro de uma ilusão” (1927) da relação do indivíduo com o futuro, da insegurança que ele transmite por ser uma escuridão indagável, na qual só tomamos consciência dele quando o mesmo vira presente; Segundo Freud o indivíduo

(...) fica às vezes tentado voltar o olhar para outra direção e indagar qual o destino que a espera e quais as transformações que está fadada a experimentar. (...) E há ainda uma outra dificuldade: a de que precisamente num juízo desse tipo as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de fatores puramente pessoais de sua própria experiência, do maior ou menor otimismo de sua atitude para com a vida, tal como lhe foi ditada por seu temperamento ou por seu sucesso ou fracasso. Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro. (Freud, p.25 anos 1927)

No entanto, nunca foi tão fácil prometer um futuro seguro quanto é na sociedade de Hiperconsumo, através da compra, através da sedução e de sentir-se seduzido pelo consumo. O consumo passa a se tornar um fetiche na sociedade.

A sociedade do Hiperconsumo também criou a obsessão pelo novo, centrando o modo de vida nas questões materialistas. “Huxley, em seu Livro “admirável mundo novo” (1932), trata a questão do consumismo, em uma sociedade perfeita, criada na fixação, controlada pelo deus “Ford”, onde os mecanismos de poder implantam verdades na cabeça das pessoas; ‘comprar um novo é melhor que consertar’. Percebe-se o incentivo do consumo, e também da produção, pois o sistema da sociedade “perfeita” de Huxley implanta caixas de som, em vários lugares, onde há sempre alguém enaltecendo o trabalho, o salário para que haja sempre o conforto e o consumo.

Esta obra de ficção é uma metáfora que retrata muito bem o sistema fordista na década de 40 e 50. Nos dias de hoje isso está bastante intensificado.

O consumo passa ser mais que algo social, passa a ser algo pessoal, emocional. O consumo traz o gozo imediato, diferentemente do gozo que se obtinha na sociedade disciplinar, o gozo por ser um indivíduo que vivia da labuta, e era virtuoso; desejamos as novidades mercantis por si mesmas, em razão de seus benefícios subjetivos, funcionais e emocionais que proporcionam (Lipovetsky, 2007, p.44).

Com a individualização do indivíduo através do consumo, e a não padronização dos produtos, esse gozo emocional é facilmente obtido pelo consumidor, haja vista que, há uma relação emocional do indivíduo com a mercadoria a ser comprada, instituindo o sentimento do Eu, e uma transferência de identidade, que o indivíduo adquire socialmente, e que ao ver determinado produto, se identifica, se vê no produto, transfere seu Eu pra ele. O Hiperconsumo traz uma mudança na significação social, e a pulsão de vida deixa de ser uma pulsão coletiva, e passa a ser uma pulsão individual, uma transferência do Eu com o universo consumidor; *o consumo emocional indica a vitória do “ser” sobre o “parecer”*. (Lipovetsky, 2007 p.46)

Esse “ser”, do consumo individualizado, causa estímulo da cultura de si (Foucault, 1984) e do tempo individual, o fato de poder construir o seu próprio modo de vida, acelerar operações da vida, aumentar as capacidades de estabelecer relações, prolongar a vida, moldar ou corrigir imperfeições do

corpo, o consumo da à sensação ao indivíduo, impulsionada pela libido, de exercer controle sobre tudo e principalmente sobre si.

Essa fase Hiperconsumista que a sociedade do desejo vem enfrentando desde a década de 1970 até os dias de hoje, está em uma bulimia de desejos, um desespero pelo “ser”, pelo “querer”, “pelo desejar”. Durante a sociedade de controle, as patologias individuais vinham pelo descaso de desejo pela sua repressão, a pulsão de vida era a virtude repressiva, o desejo de ser bem visto pelo outro como o soberano de si, ter um trabalho, manter viva as instituições e suas leis.

5. O Hiperconsumo no conceito de Gilles Lipovetisky.

Na pós-modernidade, a sociedade de controle descrita por Deleuze, mostra a transformação das instituições e com ela há também uma transformação do indivíduo e de seus desejos, que, então deixa de ter somente a fábrica como opção e tem a empresa, e os benefícios de horas extras, o consumo e o ingresso de tecnologia doméstica nas casas dos indivíduos de todas as classes, a padronização do indivíduo, o gozo de olhar para o outro e saber que está sendo olhado, pois há semelhança.

O Hiperconsumismo, da segunda metade do século XX, traz uma quantidade de desejos supérfluos, que passam a fazer parte do cotidiano, do intelecto social (revistas de horóscopo, de como cuidar do corpo, moda, dietas). A individualização da massa faz com que seja mais difícil distinguir as classes sociais através da forma de se vestir, diferentemente da sociedade da década de 1940, por exemplo.

O sociólogo Zygmunt Bauman fala da liquidez da pós modernidade, e das relações do indivíduo com a sociedade. Em seu livro “Amor Líquido”, ele fala de como é fácil o indivíduo se apaixonar liquidamente por produtos, ou como diria Lipovetsky, ser escravo do próprio desejo, apenas olhando vitrines, e desapaixonar-se liquidamente, ao ver o preço do produto. O desejo motiva o indivíduo à labuta. A labuta que antes era apenas um mecanismo de controlar e produzir passam a ser um mecanismo de satisfação do desejo.

A sociedade do desejo se desprende de muitas amarras culturais, maquiadamente passa a ter mais liberdade, e conseqüentemente torna o sujeito mais individual. Foucault descreve em seu livro História da sexualidade II, que o indivíduo que é escravo do seu desejo, não pode ser soberano de si;

Embora seja tão importante governar desejos e prazeres, e apesar do uso que se faz deles constituir um alvo moral, de tal preço, não é para conservar ou reencontrar uma inocência de origem, não é em geral-(...)- para conservar uma pureza; é ser livre e pode permanecê-lo. (Foucault, 1984, p73).

Esse conceito de liberdade descrito por Foucault sobre o início da Modernidade, foi transformada, e na sociedade de Hiperconsumismo, as noções de liberdade se baseia no domínio sobre o desejo, que é o desejo da compra, do consumo. Sendo assim o indivíduo mesmo sendo “livre” socialmente, é escravo do Ego.

Lipovetsky se baseia nessa representação de “liberdade” da sociedade do desejo, no final do século XX, e início do século XXI, como uma liberdade maquiada, que permite você escolher o que comprar e o que fazer com o teu corpo, e define a felicidade nesse contexto como um paradoxo.

Marcuse, quando se trata de falar em liberdade, ele segue o pensamento freudiano, analisando a sociedade moderna, que afirma que a liberdade na sociedade só pode ser atingida com a labuta, onde você recebe seu salário e decide com ele, o que fazer. Satisfazer os desejos é a pulsão de vida do indivíduo, e com esses desejos, ele sustenta o poder, as instituições, a moral, e as relações sociais.

Essa análise teórica sobre essas transformações sociais, ao longo do século XX, trouxe grandes transformações sociais e culturais. Estarei discutindo no próximo capítulo, como esses conceitos de vida transformaram socialmente o Ocidente, e como ocorre a manipulação dos modelos sociais sobre o indivíduo e da sociedade como um todo.

6.Pulsão de vida e Pulsão de Morte: retóricas que controlam a libido individual

No primeiro Capítulo falei sobre o conceito de vida na sociedade grega e romana, segundo a análise de Jurandir Freire, e as mudanças da sociedade durante o nascimento das instituições, e o conceito de vida e pulsão de vida inserida na sociedade Disciplinar, descrita por Foucault.

No segundo capítulo fiz uma análise ao longo das transformações sociais ocorridas no século XX, até a chegar ao século XXI, usando como base teórica as análises Foucaultiana, Deleuziana e a análise de Lipovetisky em sua obra “Felicidade Paradoxal” (2007), para falar da pulsão de vida, movido pela libido individual.

Essas retrospectivas teóricas que foram propostas no primeiro e no segundo capítulo foram necessárias para a compreensão da discussão das transformações do conceito de vida e da pulsão de vida, e qual as mudanças que esses discursos fizeram e continua fazendo na sociedade como um todo, no indivíduo, e na sociedade.

Portanto, discutirei neste capítulo III, o conceito freudiano sobre a pulsão de vida, e como esse discurso simbólico, motiva a sociedade a se organizar em grupo, trabalhar e chegar ao longo do século XXI, tornando-se uma sociedade impulsionada pelo discurso edípico, e a libido social faz disso uma arma para que, com tanta tecnologia, o sujeito fique cada vez mais individual.

No livro “Psicologia do Grupo e análise do Ego” (1921), Freud afirma que o homem é um animal individual que vive em grupo, porém, necessita da condução de um líder que unifica o interesse coletivo e coíbe os impulsos egoístas de seus membros. Essa concepção resume o conceito freudiano sobre o nascimento da vida comunitária, em outras palavras, sociedade. A civilização teria sido fruto, segundo Freud, de renúncias pulsionais de seus membros. Marcuse denomina essa renúncia de nascimento do instinto organizado. Ele explica através do conceito freudiano, que o homem nasce com extinto animal, porém renuncia esse instinto para viver em sociedade, o indivíduo passa a organizar sua libido.

Esse líder consegue fazer com que através dos seus discursos, o indivíduo, introduza o dever de renúncia da libido instintiva e a canalize, centrando-a no investimento da imagem de um grande líder; o ideal do Eu. Segundo Freud, há um investimento libidinal, na qual facilita o indivíduo viver em grupo, tendo um ideal edípico.

Deleuze fala de um devir edípico, utilizando uma análise freudiana sobre o Édipo, no entanto, transfere essa imagem do Édipo para os discursos institucionais, e utilizarei da análise freudiana para falar da pulsão de vida.

Esse devir edípico é a moral social, que faz com que o indivíduo renuncie a sua libido instintiva para viver socialmente, se inspirando no líder, que possui uma soberania de si, e assim ser inscrito nos códigos sociais tanto no campo material, quanto no campo simbólico.

O conceito de vida em Roma, na qual cito no primeiro capítulo deste trabalho, era manter a soberania do Estado, e manter viva a jurisdição, no entanto a imagem Edípica do Estado era o Soberano, ele era o ideal do Eu; ele mantinha viva a jurisdição, haja vista que era a lei, era um sujeito imbuído de discurso narcísico, porém hospedeiro do discurso edípico, na qual proferia ao coletivo, de forma que mantivessem a sua soberania e respeito. Foucault fala em seu último capítulo “Governamentabilidade” do livro “Microfísica do poder” (1954), que um líder para governar deve ter, primeiramente, um governo de si, da família, das finanças da casa, e assim, ele conseqüentemente poderia ter o governo sobre o Estado.

Para que ocorresse o nascimento da civilização, segundo Freud, foi necessário que um indivíduo fosse instituído como representante dos ideais coletivos, e estabelecessem regras iguais para todos, agindo assim de maneira despótica, detendo os prazeres e castrando os interesses. Essa castração é uma forma de disciplina, e uma maneira de conter a ascensão de outro líder no mesmo grupo. Essa castração ocorre na sociedade, porém, nunca impediu que aparecessem outros líderes no mesmo grupo. Esses foram o mecanismo, segundo Freud, de um líder civilizatório.

Na Idade Média o poder da lei, segundo uma análise freudiana, que estava antes sob a jurisdição do líder, que representava o pai simbólico (a Igreja e o Estado), o devir edípico, um pai primitivo (concreto), onde a pulsão de vida e o conceito de vida era manter viva a jurisdição e manter a soberania desse Líder. No entanto, essa pulsão de vida é transferida, ao longo do século XVIII para a instituição (um devir edípico, um pai simbólico), ao passo que a instituição, simbolicamente, passa a representar o pai (simbólico) do indivíduo, que antes se inspirava em um líder, haja vista que a instituição representa o controle, a disciplina, a punição ao indivíduo, tal qual um pai (material).

A sociedade disciplinar descrita por Foucault tinha como função vigiar, controlar e punir, tornando-se o pai dos indivíduos. No entanto a pulsão de vida passa a ser manter viva a instituição, através do discurso edípico, pois além de vigiar e punir, a instituição também curava (hospitais) e protegia (exército). Uma análise de René Kaës sobre o devir edípico transferido para a instituição;

Para o psiquismo, a instituição encontra-se, como a mãe da base dos movimentos de descontinuidade instaurada pelo jogo do ritmo pulsional e da satisfação (...). O imaginário individual e social sempre procurou um fiador metassocial e metapsíquico ao direito; não é sem razão que ele sustenta a origem divina da instituição. (Kaës, 1991, p.23)

A instituição é o lugar onde o indivíduo constrói e afirma a sua identidade, pois ela determina as regras, manipulando os hábitos e ditando o aceitável e o inaceitável. Há uma relação edípica com a instituição, pois somos parte dela, ela esta presente na vida do indivíduo do nascimento até a sua morte.

Para o indivíduo vinculado a uma instituição, a pulsão de vida se constitui através da recompensa social, através da labuta, o prazer em longo prazo, que faz com que o indivíduo sinta o gozo de ter seu instinto organizado, e através da “recompensa divina” receba do dom da imortalidade, representada de forma simbólica, pois não desperdiçando um tempo de Deus que é contado pelos homens, é ter disciplina.

Durante a transição da sociedade disciplinar, descrita por Foucault para a sociedade de controle, descrita por Deleuze, há uma sublimação para o bom convívio social, e uma modificação da pulsão de vida.

A pulsão de vida, ao longo da transformação da sociedade nesse período (o final da primeira metade do século XX), além de manter as instituições vivas, passa a ser também a necessidade da competição. A fábrica, de certa forma, além de produzir produtos, produziu também empresas, onde nasce uma política de mercado, uma certa concorrência, e disputa de consumidor, tal qual fala Lipovetsky (2007), e dentro da instituição (empresa), há também a competição, pela recompensa (o salário).

A sociedade de controle, como foi analisada no segundo capítulo, traz consigo a tendência consumista para a sociedade ocidental, fazendo com que

essa sublimação seja inserida através de práticas discursivas em regras civilizatórias, promovendo assim o incentivo à competição, colocando o outro como inimigo (simbólico), e dificultando a tarefa de autopreservação e adaptação do Eu, e assim, a libido que pulciona a vida, é canalizada psiquicamente para o consumo. Freud analisa que;

(...) quando consideramos, o quanto fomos mal sucedidos exatamente nesse campo de preservação do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás, desse fato, uma parcela de natureza inconquistável – desta vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica. (Freud, 1974:105)

A competição do indivíduo com o outro, e a necessidade de autopreservação do Eu, faz com que durante esse período, em que o consumo e a labuta, são impostos pelas instituições como discursos civilizatórios, o indivíduo anseie pelo modelo de vida que a sociedade enaltece, oferecem, e fazem com que o indivíduo trabalhe arduamente para conseguir, como uma forma de preservar o Ego. A retórica imbuída no devir Edípico da sociedade Hiperconsumista, é a retórica da busca pelo bem estar, e o conforto social.

É interessante se perguntar, se as tecnologias, e os padrões de vida oferecidos, ao longo do século XX e XXI, surgiram a partir do desejo do indivíduo, ou se o indivíduo o desejou após terem sido inseridas as práticas discursivas de desejo nesses modelos sociais. No entanto, o desejo social trouxe ao longo desses séculos um grande conforto e “bem star” social para a classe privilegiada, e um grande avanço tecnológico.

No entanto esse modelo de vida, o “bem estar” social, trouxe um desejo de labuta, e um anseio pelo ideal de vida perfeita para as classes menos privilegiadas. Lipovetisky (2007) afirma que apesar de se falar tanto em “felicidade”, nunca houve tanta falta de saúde mental como no século XX e XXI. De acordo com Lipovetsky;

A imensa maioria se diz feliz, contudo a tristeza e o estresse, as depressões e as ansiedades, formam um rio que engrossam de maneira inquietante. Majoritariamente, declaramo-nos felizes pensando que os outros não o são. (...) jamais os “distúrbios de comportamento” (entre 5% e 9% dos jovens de 15 anos) e as doenças mentais destes estiveram tão disseminados (...). Somos cada vez mais bem cuidados, o que não impede que os indivíduos se tornem uma espécie de hipocondríacos crônicos. (...) As solicitações hedonísticas são onipresentes: as inquietudes, as

decepções, as inseguranças sociais e pessoais aumentam. Aspectos fazem da sociedade de Hiperconsumo a civilização da felicidade paradoxal. (Lipovetsky, 2007:16 e 17)

Durante a primeira metade do século XX o consumo era uma prática fútil, supérflua, na qual não era acessível a todas as classes sociais, e já na segunda metade do século XX e início do século XXI, o consumo torna-se uma necessidade mundial, causando grandes transformações sócio-culturais e a transformação da pulsão de vida, descrita por Freud.

No entanto, se há um *boom* no consumo, há o fenômeno denominado por Lipovetisky de Hiperconsumismo, hipoteticamente posso dizer que há um *boom* na competição, e com isso se a pulsão de vida, no indivíduo, não é bem sucedida, segundo Freud, ela é convertida para a pulsão de morte (*Thánatos*). O consumo e a competitividade emocional podem trazer um conflito psíquico, e convertendo a pulsão de vida em pulsão de morte.

Conceito de pulsão de vida passou a reunir pulsão libidinal e autopresevação do Ego, já a pulsão de morte compreende a castração libidinal, a não autopresevação do Eu, o que corresponde à loucura, a pulsão da exclusão, a não aceitação social e cultural do indivíduo na sociedade, ou a morte em seu real significado, é assim a pulsão de desunião e destrutividade.

Conforme a análise feita ao longo dos capítulos anteriores, pude compreender que a pulsão de morte é um grande obstáculo para a vida em sociedade, pois o ser humano, por natureza, segundo Freud, possui ambas. No entanto, a partir do convívio social, a pulsão de vida é ativada, através das renúncias do instinto animal do indivíduo. A pulsão de Eros é ativada a partir do outro (o convívio social), e parte da energia destrutiva do indivíduo (*Thanatos*), tende a ser renunciada para que haja o convívio em sociedade, assim essa renúncia ocorre quando o indivíduo olha para o outro e se compara, e tende a querer ser mais, ou igual.

Conforme analisa Lipovetsky (2007), o indivíduo, através dos mecanismos de consumo, tende a aderir e a se identificar a várias formas de consumo, para que de certa forma se realize e se complete. É aí que ocorre mais uma transferência do devir edípico; ou seja, o devir edípico que na Idade Média era recalcado para o líder social (o estado e a Igreja), e com a

instalações de instituições, há uma transferência desse Édipo para as instituições, e no final do século XX, esse devir edípico vai tomar conta dos modelos de vida consumista, no ideal de felicidade e conforto. O devir edípico passa a estar para o padrão econômico social. O pai simbólico passa a ser o padrão consumista, que é criado pelas instituições (pai material).

Assim como a instituição, vigia, controla, pune cura e protege, o consumo desperta o fetiche, que tanto fala Freud do desejo do filho Édipo pelo amor da mãe, e para obter-lo se inspira no pai, entretanto, o fetiche passa ser o consumo; o indivíduo consome, pois agrada o convívio social, renuncia a pulsão de morte (a destruição do Eu no convívio social), aguça Eros, para buscar um ideal de vida inscrito nos padrões sociais, para serem desejadas pelo pai material, as instituições.

Esse fetiche consumista satisfaz o Ego, mas esse princípio de satisfação se inicia a partir do Outro (...) *o indivíduo morre mais de seus conflitos internos, mais que a espécie morre de sua luta mal sucedida contra o mundo externo* (...) (Freud, 1975: 175).

Assim, compreendo que o outro é parte do nosso mundo externo, e o consumo é o fetiche que pulciona a vida e o convívio com o outro, ao passo que o outro, no convívio social vai ser notado pelo Eu, e *vice versa*. Entretanto, o Hiperconsumo, da mesma forma que motiva o indivíduo do século XX e XXI a vida, pode estimular também a pulsão de morte, caso não obtenha seu propósito.

Esse ideal de consumo trouxe também grandes transformações culturais, grande miscigenações através de políticas globalizatórias, fazendo com que os países tenham fácil acesso à cultura de outros países, e de certa forma, sendo os EUA a potência Mundial, desde o período Fordista, até os dias de hoje, causando uma americanização mundial. Porém me limitarei nesse trabalho a falar somente de Eros e thanatos.

Segundo Bauman (2003), a sociedade está sempre em uma constante transformação, assim, sendo o sujeito um corpo subjetivo, ele tende a ter sua subjetividade forjada, pelos discursos de nuances culturais, pelos desejos libidinais, que são canalizados para o desejo que está sendo manipulado de acordo com determinada sociedade e sua época, que, no entanto, deterioram seus modos de ser, trazendo assim uma bulimia cultural para novas

transformações. O indivíduo transforma-se culturalmente através do consumo exacerbado, e maquiando, assim, as cóleras psíquicas.

De acordo com o autor e psicanalista Benilton Bezerra (2007), em uma entrevista cedida para a revista “Notícias do Brasil”, sofrer é universal no ser humano, mas a maneira de sofrer varia em cada contexto histórico. As transformações, o paradoxo de felicidade, o anseio pelo futuro, e a necessidade da satisfação dos desejos, pode estar relacionado com as questões da subjetividade humana, e não tão somente na manipulação, ou orquestração argumentada pelos devires.

A subjetividade humana tem aspectos que são universais, que aparecem na experiência de indivíduos pertencentes a qualquer cultura. As instituições são agentes diretos no processo da construção da subjetividade, pois ela dita as regras de convívio social, e dita o que é ou não aceitável. A instituição cria, transforma, molda e manipula a identidade do indivíduo, ela é a influência do reflexo da identidade individual e da relação do indivíduo com o coletivo. Somos em grande parte governados por impulsos e inibições que não dominamos. O nosso desejo libidinal é responsável por grande parte das transformações sociais no indivíduo, e é também um controle remoto manipulado pelas instituições, onde ela impõe as novidades a serem desejadas, produzindo novas culturas, bulimias culturais, verdades, mentiras, fatos e por que não dizer, moldando a o percurso social do indivíduo, e enaltecendo através de retóricas imbuídas nos mecanismos econômico-sociais, a aquiescência do desejo individual pelo prazer social.

Encerrando sem concluir

Esta pesquisa teve como base teórica a linha de pensamento pós-estruturalista, e como base também, as fontes bibliográficas de Michel Foucault e Gilles Deleuze, Sigmund Freud, Gilles Lipovetisky e Herbert Marcuse. Este trabalho teve como foco falar sobre a retórica de pulsão de vida, que motiva o indivíduo a viver em sociedade, que de certa forma, castra a pulsão de morte, que é a pulsão da destrutividade social (a loucura, o suicídio, etc.), essas pulsões foram denominada por Freud de Eros e Thanatos, como explico nos capítulos anteriores.

Utilizei esses conceitos (*Eros e Thanatos*) para falar das retóricas que foram imbuídas na sociedade, e que foram se transformando ao longo dos séculos, sem deixar de docilizar o indivíduo, demarcando o trajeto e determinando que percurso a sociedade devesse tomar. Apesar de os autores citados, não fazer parte da mesma escola de pensamento, utilizei-me de algumas de suas bibliografias, para falar das análises feitas sobre a sociedade de determinadas épocas, do qual esses autores fazem análises filosóficas sobre determinados comportamentos sociais.

No entanto, minha intenção nessa pesquisa não é fazer com que eles discutam idéias divergentes, ou *vise versa*, e sim mostrar essas análises e fazer dela uma retrospectiva teórica, e de certa forma, analisar como essa pulsão de vida, agregada as retóricas do devir edípico, motiva o indivíduo a vida, transformando a sociedade, trazendo novas tecnologias, transformando culturalmente alguns etnias, e saber como acontece, quando essa pulsão de vida não é bem sucedida, podendo levar o indivíduo à loucura, ou seja, à pulsão de morte.

Acredito que será importante para pensarmos como a sociedade dita o que se deve ou não fazer, o que é ou não é socialmente aceitável diante do coletivo, o que é ou não saúde mental, quais os mecanismos de higienização mental, e como através disso, manipula o indivíduo, e através de sua pulsão libidinal, e conseguem determinar o que o indivíduo deve ou não desejar, como desejar e por que desejar. Como essas questões individuais afetam o coletivo e a aquiescência dessas práticas discursivas? E também, pensar, não somente a questão da docilização e do controle social sobre o indivíduo, e sim da aquiescência dessas retóricas que motiva o indivíduo a vida, pois o indivíduo se deixa controlar tomado por um desejo coletivo que ele toma pra si.

Propus nesse trabalho uma análise sobre como o discurso da pulsão de vida transformou a sociedade e continua transformando, e como através desse desejo faz com que o indivíduo retraia a pulsão de morte, mesmo sendo ela, segundo Freud (1921), algo natural do homem. Acredito que este trabalho contribuirá para novos campos de pesquisa, pois analiso as práticas discursivas utilizadas, e a necessidade de orquestração das instituições sobre os indivíduos, com o anseio de controle e manipulação, no entanto, não isento em momento algum o desejo do indivíduo de ser manipulado, de estar incluso

dentro desse grupo, mas questiono o porquê da internalização desses devires, como o indivíduo, consegue castrar desejos de seus instintos para satisfazer o desejo social, e através disso aguçar o desejo individual, canalizando-o para um desejo organizado, transformando a sociedade e seus devires ao longo dos séculos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor, W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego** (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. (1927) Coleção “Os Pensadores”- vol. Freud. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo. (1978)

KAËS, René. **A instituição e as instituições**. 1991. 1º Edição. Editora casa do psicólogo, SP.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir; História das violências nas prisões**. (1977).

13ªed. Petrópolis:Vozes, 1996

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 13º Edição.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**, 1988. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 17ª Edição.

_____. **História a sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 10º Edição.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**, (1966). Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 8º edição.

Bezerra, Benilton, Jr. Revista virtual; Notícias do Brasil, entrevista para o artigo **Psicanálise frene ao “males” da sociedade**. Jornalista Alexandra Tavares, <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v56n4/a09v56n4.pdf>.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido; Sobre a fragilidade dos laços humanos**. 2003. Jorge Zahar Editor Ltda. Edição 2004.

DELEUZE, Gilles. **Post Scriptium sobre as Sociedades de controle. Conversações**; 1972-1990. Texto Obtido do site http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil; A penetração cultural americana** (1980). Editora Brasiliense, 4º edição, 1986.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Rio de Janeiro: globo, 2007.

NOTAS

ⁱ Graduada em História pela Universidade do Estado do Mato Grosso.